

**IDENTIDADE E ALTERIDADE: UMA REFLEXÃO DA OBRA INFANTIL
“O LOBISOMEM QUE QUASE MORREU DE MEDO”**

**IDENTITY AND ALTERITY: A REFLECTION OF CHILDHOOD WORK
"THE LOBISOMEM WHO ALMOST DIED IN FEAR"**

Sonia Oliveira Barbosa

E-mail: soniaob@gmail.com

Viviane Bernadeth Gandra Brandão

E-mail: viviane.gandra1@hotmail.com

RESUMO

O artigo traz uma análise acerca da obra literária infantil, do autor mineiro Ronaldo Simões: *O LobisOMEM que quase morreu de medo*. A temática central é a identidade e a alteridade, os quais na obra são representados pelo medo que o lobisomen sente do homem. Parte-se do pressuposto de que este enredo problematiza a diversidade cultural, a diferença social e pessoal. Desse modo, permite que o leitor - crianças - desenvolvam uma criticidade a respeito de si mesmos e do outro, propiciando que sejam capazes de refletir sobre os valores culturais presentes na sociedade em que vivem. Este estudo fundamenta-se metodologicamente na leitura intensiva do texto, buscando identificar como a narrativa apresenta a diversidade cultural, identidade e a alteridade, e concretizam sua problematização. Subsidiariamente, aplicaram-se conceitos extraídos da Análise do Discurso: Mainguenu (1989, 1996, 2001) e Charaudeau (2010). Foi constatado que a obra transmite elementos importantes para a construção de uma identidade plural, visto que a formação do povo brasileiro é diversificada. A diversidade cultural é marcada pela relação com o outro, sendo a primeira relação consigo mesmo, a segunda com o outro, e a terceira com o mundo.

Palavras-chave: Alteridade. Diversidade Cultural. Identidade. Literatura Infantil.

ABSTRACT

The article presents an analysis of the children's literary work by Ronaldo Simões, from Minas Gerais, Brazil: *The Werewolf who almost died of fear*. The central theme is identity and alterity, which in the work are represented by the fear that the werewolf feels of man. It is assumed that this plot problematizes cultural diversity, social and personal difference. In this way, it allows the reader - children to develop a criticism about themselves and the other - allowing them to be able to reflect on cultural

values present in the society in which they live. This study is methodologically based on the intensive reading of the text, trying to identify how the narrative presents cultural diversity, identity and alterity, and concretizes its problematization. In the alternative, concepts extracted from Discourse Analysis were applied: Mainguenu (1989, 1996, 2001) and Charaudeau (2010). It was recorded that the work transmits important elements for the construction of a plural identity, since the formation of the Brazilian people is diversified. Cultural diversity is marked by the relation to the other, being the first relation with itself, the second with the other, and the third with the world.

Keywords: Alterity. Cultural diversity. Identity. Children's literature.

INTRODUÇÃO

O tema da diversidade cultural propõe uma reflexão crítica acerca da cultura e de suas implicações, em especial no que se refere à relação contemporânea entre cultura, indivíduos e sociedade. Para os estudos culturais, são importantes as abordagens sobre identidade, linguagem e multiculturalismo, temas que são fundamentais para a discussão proposta sobre literatura infantil. Portanto, diversidade cultural é cultural e não natural, ou seja, resulta de trocas entre sujeitos, grupos sociais e instituições a partir de suas diferenças, desigualdades, tensões e conflitos (BARROS, 2008, p. 18). Em relação ao conceito de diversidade cultural, Silva (2000, p. 44) afirma que engloba diferentes aspectos, sendo utilizado para defender “uma política de tolerância e respeito entre as diferentes culturas”.

O relatório mundial da Unesco (2009), *Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*, é um documento central para se discutir a pertinência do tema da diversidade cultural, uma vez que ressalta que esta é uma das questões de maior interesse no séc. XXI, quando se reconhece que a maioria dos países é constituída de sociedades multiculturais. A diversidade pode ser tomada como uma realidade positiva, que possibilita o intercâmbio entre as culturas, de forma a potencializar a riqueza que existe em cada uma delas. Por outro lado, as diferenças culturais, entre nações ou entre grupos que convivem em um mesmo espaço geográfico, podem ser a raiz de numerosos conflitos.

A Unesco (2009) aponta, como desafio da nossa época, a capacidade de propormos uma perspectiva da diversidade cultural que não se configure em ameaça, mas como um benefício, uma vez que toda cultura tem contribuições efetivas a dar à comunidade internacional. O sentido do termo diversidade cultural relaciona-se à existência de uma variedade de culturas interligadas por um processo de globalização. Segundo a Unesco (2009), no entanto, a diversidade cultural nem sempre resulta no convívio harmônico das culturas. “Perante essa variedade de códigos e perspectivas, os estados nem sempre encontram as respostas apropriadas, por vezes urgentes, nem logram colocar a diversidade cultural ao serviço do bem comum” (UNESCO, 2009, p. 3).

Discutir a relação entre literatura infantil, criança e infância, por meio do discurso da diversidade, pressupõe abordar questões culturais e socioculturais de uma sociedade. Silva (2000), Chauí (2000), Hall (2003), Santos (2006), a Unesco (2009) e Morgado (2010), todos contribuem para a reflexão sobre a literatura a partir do contexto histórico, sociocultural e cultural em que é produzida, lida e interpretada, a fim de compreendermos as relações de poder existentes e representadas nas obras.

Ao abordar a literatura infantil pela perspectiva das representações da diversidade cultural, enfatiza-se a força do campo simbólico para construir uma visão contra-hegemônica, que possa ser uma alternativa à visão das classes dominantes. Ou seja, a literatura infantil pode questionar as construções sociais e culturais que se fizeram ao longo da história e que apresentam uma dada “normalidade” como natural e obrigatória. Nessa “normalidade”, aqueles que não se encaixam nesse “padrão” podem ser alvo de preconceitos por sua condição de gênero, etnia, linguagem, nacionalidade, religião, etc.

As obras literárias se constituem e agem como instrumentos de construção identitária da criança, sendo essas construções no viés individual ou coletivo, que, para Nelly Novaes Coelho “têm uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação” (COELHO, 2000b, p.15). Foi tomando a literatura infantil como agente de formação da criança que se

fundamentou a questão central deste trabalho, que é analisar como a literatura infantil representa a diversidade cultural.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a obra do autor mineiro Ronaldo Simões Coelho, dirigida ao público infantil: *O Lobisomem que quase morreu de medo*. Parte-se do pressuposto de que a obra problematiza a diversidade cultural, a diferença social e pessoal, e as relações entre identidade e alteridade. Com isso, o autor permite que as crianças adquiram um olhar crítico sobre si mesmas e sobre o outro, propiciando o processo de construção de identidade, tornando-se capazes de refletir sobre os valores culturais presentes na sociedade em que vivem.

Por identidade entendem-se os aspectos peculiares de um determinado povo como suas crenças, ritos, experiências comuns. Hall (2003) defende a tese de que as identidades modernas estão sendo “desconcentradas”, deslocadas. Argumenta que as velhas identidades estão em declínio, novas identidades estão surgindo e fragmentando o sujeito moderno, abalado seus quadros de referências.

Com base nesse pressuposto Bauman (2005) afirmou que não se pensa em identidade quando o pertencimento vem naturalmente, quando é algo pelo qual não se precisa lutar, ganhar, reivindicar e defender; quando se pertence seguindo apenas os movimentos que parecem óbvios simplesmente pela ausência de competidores. Essa pertença só é possível num mundo localmente confinado: somente quando as totalidades a que se pertence forem definidas pela capacidade de massa cinzenta. Nesses pequenos mundos, estar aqui dentro é diferente de estar lá fora, e a passagem do aqui para lá, dificilmente ocorre, se é que chega a ocorrer.

Nota-se que as sociedades contemporâneas são heterogêneas, plurais, formadas por diferentes grupos e interesses divergentes, isto é, apresentam identidades culturais em conflitos. Neste contexto, cabe ressaltar que essas diferenças estão em permanente contato.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi fundamentado na obra: *O Lobisomem que quase morreu de medo*, através da leitura intensiva, buscando identificar como a narrativa apresenta a diversidade cultural, identidade e a alteridade, e concretizam sua problematização. Subsidiariamente, aplicaram-se conceitos extraídos da Análise do Discurso: Mainguenu (1989, 1996, 2001) e Charaudeau (2010).

Na obra escolhida, procurou-se analisar como o autor trabalha os temas da diversidade cultural, envolvendo identidade, diferença e alteridade, apontando sua centralidade ou transversalidade nas narrativas. A análise do discurso buscou verificar de que maneira, os autores (Sujeitos Comunicantes – SC) desenvolveram estratégias, como narradores (Sujeitos Enunciadores – SE), para, construindo a imagem de seus leitores (Sujeitos Destinatários), poderem atingir os seus leitores reais (Sujeitos Interpretantes – SI). Segundo as teorias da Análise do Discurso (AD), desenvolvidas por Patrick Charaudeau e Dominique Mainguenu, esse processo de comunicação, envolvendo os sujeitos (SC, SE, SD E SI), organiza-se em dois pares: de um lado o SC e o SE; de outro, o SD e o SI. Reunindo esses dois pares, há o produto cultural, ou seja, o discurso, de que o texto é a evidência concreta. Assim, a análise efetuada preocupou-se em levantar as marcas discursivas estratégicas, usadas pelo sujeito enunciador de cada situação discursiva.

RESULTADOS

No livro *O Lobisomem que quase morreu de medo* (1988), com ilustrações de Rubia Roberta, conta-se a estória de um menino lobisomem que não sabia da existência dos humanos, por acreditar que os homens eram uma criação de sua avó, que contava estórias para assustar as crianças. Nesse livro, há a inversão de uma situação bem conhecida: a criança que tem medo de entidades assustadoras, como o lobisomem, a mula-sem-cabeça, o saci e outras. Nessa narrativa, em vez da criança assustada, há uma criança lobisomem ainda mais assustada porque viu duas crianças humanas. Depois dessa visão aterradora, corre para contar aos

outros lobisomens que viu humanos, tal como eram descritos nas histórias de sua avó. Mas ninguém acredita que tais seres humanos existam.

O tema principal do livro *Lobisomem* é a questão da identidade e da alteridade. Para trabalhá-lo, o autor apresenta o medo que o lobisomem sente do homem. O medo é uma emoção que revela um dispositivo de defesa para um perigo aparente ou real. Nessa obra, o enredo utiliza o medo provocado pela constatação de que o ficcional se transforma em realidade. O que era puro referente se transforma num objeto concreto. Por meio da visão do narrador heterodiegético, que narra em terceira pessoa e não participa dos fatos, o leitor mirim tem a possibilidade de perceber que seu próprio medo do desconhecido (lobisomens, sacis, mulas sem cabeça) é transferido para uma dessas entidades e que, de atemorizado, passa a ser atemorizador. Essa inversão das posições tradicionais questiona a centralidade do ser humano, sua própria integridade e autopercepção, apresentando-lhe o outro lado e mostrando-lhe que a diferença não é apenas dos outros em relação a ele, mas dele em relação aos outros. Ou seja, o ser humano passa a ser o outro, relativizando o seu lugar no mundo.

Ronaldo Simões Coelho dialoga intertextualmente com a lenda do lobisomem, cujas origens são gregas, e com outros textos literários que também trabalham a questão da alteridade, como *Frankenstein*, de Mary Shelley, publicado em 1818, e *Drácula*, de Bram Stoker, de 1897. Todas essas personagens indicam o outro como um ser perigoso para o ser humano e reforçam a identidade humana e sua atitude de defesa: o outro deve ser combatido e destruído. Além disso, retoma a tradição oral de contar histórias, uma atividade tipicamente humana, mas que é feita pela avó do lobisomem:

A própria lobisavó garantia:
- Você está influenciado pelo que conto procê.
É claro que homens não existem.
Mas o lobicriança, ainda tremendo, afirmava que tinha visto gente
(COELHO, 1988, p. 6).

Quando o menino lobisomem estava aprendendo a andar de bicicleta, se deparou com dois meninos humanos, iguais aos que sua avó descrevia nas histórias, e percebeu que os homens realmente existiam, que não eram uma invenção. Assim,

com muito medo, ele corre e vai contar aos outros lobisomens que viu dois humanos, mas ninguém acreditou nele, até que os levou ao local onde viu as crianças e todos puderam comprovar que os seres humanos existiam. Ao se depararem com os dois meninos, seres humanos, todos entraram em pânico e foi uma correria tremenda. A estória termina com o relato de que o caso ainda é contado às crianças lobisomens, que também continuam achando que tudo é invenção da lobisavó. Criticamente, o autor desloca, para os lobisomens, a incapacidade que os homens têm de verem além de si mesmos. É por isso que, em vez de serem considerados reais, os homens continuam a ser ficção para os lobisomens. Como ficção, são apenas referentes, passíveis de serem captados pelo signo linguístico, mas não de terem uma existência concreta. Mas, por serem ficção e viverem nas estórias, podem vir a ser reais.

A narrativa se inicia com a fórmula tradicional das estórias infantis: “Era um lobisomem que não sabia, ainda, da existência de gente” (COELHO, 1988, p. 2). Em seguida, se desenvolve normalmente: “Até que um dia, quando estava aprendendo a andar de bicicleta, viu dois meninos, tão parecidos com aquilo que sua lobisavó descrevia, que não teve dúvidas: o tal homem existia mesmo” (COELHO, 1988, p. 3). O clímax acontece com o medo coletivo: “E lobivelho, lobiadulto, lobijovem, lobimenino, lobicriança foram todos até o lugar onde os dois meninos estavam. E eles estavam lá!!!” (COELHO, 1988, p. 8). O final da estória, como se disse no parágrafo anterior, concede aos lobisomens a mesma atitude humana: não reconhecer a alteridade, negá-la e exorcizá-la por meio da violência (o que não é sugerido na estória) ou por meio da ficção: “Mas hoje, quando este caso é contado, os lobisomens pequenos acham que é tudo invenção da lobisavó. E, apesar do medo, morrem de rir” (COELHO, 1988, p. 9).

Essa volta à “normalidade” é descrita por Nelly Coelho (2000a, p. 70), ao afirmar que a “história surge de uma situação problemática que desequilibra a vida normal das personagens. Situação que vai se modificando através da narrativa até sua solução final e a volta ao equilíbrio normal”. Em *Lobisomem*, a situação problemática é o encontro do pequeno lobisomem com crianças, que eram gente. A

personagem se depara com o desconhecido, gerando assim o desequilíbrio emocional, o medo e, ao final, tudo volta ao normal e se torna uma lenda, passando por gerações: “[...] os lobisomens pequenos acham que é tudo invenção da lobisavó. E, apesar do medo, morrem de rir.

Em *O Lobisomem que quase morreu de medo*, há um narrador externo, onisciente, que conta a estória. Não há menção à forma como veio a saber dos fatos narrados. Ele, simplesmente os conhece e os relata. Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (1988, p. 61) afirmam que a definição conceitual de narrador deve ser compreendida principalmente como autor textual, sendo uma entidade fictícia, que tem a função de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa. No entanto, vale ressaltar que o narrador é uma criação fictícia do autor para ser o transmissor do discurso. Sendo assim, não pode haver confusão entre narrador e autor.

Por outro lado, para Compagnon (2001, p. 47), o autor é uma entidade real, responsável pelo universo do texto narrativo. Assim, existe uma relação entre texto e autor, em que o autor é responsável pelo sentido e significação do texto. Mas, independentemente da sua intenção textual, o que importa é a interpretação que o leitor faz daquilo que está lendo. Umberto Eco, com sua teoria precursora, antecipou os conceitos de Compagnon e de Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, afirmando que existe um leitor-modelo: o espectador disposto a se divertir com a estória. O leitor-modelo é “uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar” (ECO, 1994, p. 15).

Em sequência, Eco (1994, p. 15) afirma que: “Um texto que começa com ‘Era uma vez’ envia um sinal que lhe permite, de imediato, selecionar seu próprio leitor-modelo, o qual deve ser uma criança ou pelo menos uma pessoa disposta a aceitar algo que extrapola o sensato e o razoável”. *O Lobisomem que quase morreu de medo* inicia com “Era um”, corroborando a afirmação de Umberto Eco, pois o leitor-modelo de que necessita são crianças na faixa etária de 3 a 7 anos, que leiam ou ouçam a estória. Mas, principalmente, que aceitem a narrativa tal qual ela é feita. Da

mesma forma, Eco distingue entre o autor-empírico e o autor-modelo que, como os chamamos, são o autor e o narrador.

Com essas duas categorias, Eco se antecipa ao que será postulado pela Análise do Discurso, que irá problematizar a relação entre autor e leitor. Para ela, o processo narrativo inclui quatro sujeitos: o autor (Sujeito Comunicante) e o narrador (Sujeito Enunciador), de um lado, e o leitor destinatário (Sujeito destinatário) e o leitor interpretante (Sujeito interpretante), de outro. Segundo Charaudeau (2010a), há dois circuitos: o social, em que se incluem o autor e o interpretante, e o linguístico e textual, em que estão o narrador e o leitor destinatário. A cada um desses pares Eco chama, respectivamente, de autor-modelo e de leitor-modelo.

Para falar ou escrever, o autor usa uma série de estratégias, desdobrando-se em narrador. É este narrador que fala, oralmente ou no texto, constituindo o conjunto de estratégias do autor. O texto que contém essas estratégias é enviado ao leitor destinatário, que é a imagem modelar, ideal, que o autor faz de seu leitor efetivo, real, o interpretante. Nenhum texto transita diretamente do autor para o interpretante sem ser mediatizado pelas estratégias do narrador e pela imagem construída do destinatário. Quando o autor emprega a fórmula “Era uma vez...”, está usando uma estratégia que pressupõe um “leitor modelo”, isto é, um destinatário ideal capaz de aceitar a narrativa e tudo o que ela contém. O interpretante, leitor efetivo do texto, pode aceitá-la ou não, ler o texto ou rejeitá-lo, considerá-lo “seriamente” ou tomá-lo como algo “impossível de acontecer” (CHARAUDEAU, 2010a; MAINGUENAU, 2001).

Como o leitor-modelo de *O Lobisomem que quase morreu de medo*, isto é, o destinatário, é a criança, o enredo do texto é bastante simples. Esse tipo de enredo, sem maior complexidade, é uma concessão a esse leitor e à sua capacidade de leitura. Todos os outros textos analisados terão também esse enredo simplificado. O enredo ou estória é o conjunto de fatos que se entrelaçam, compondo a narrativa, a trama da estória, de maneira a se inter-relacionar com todo o desfecho narrativo, apresentando uma organicidade, com início, meio e fim.

A narrativa, para Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, tem um narratário que nada mais é que o destinatário de que nos fala Charaudeau. Assim, percebe-se uma confluência, apesar da nomenclatura diferenciada, das duas teorias. Para Reis e Lopes (1988, p. 5) “o narratário é uma entidade fictícia, um “ser de papel” com existência puramente textual, dependendo diretamente de outro “ser de papel”, o narrador que se dirige de forma expressa ou tácita”. Para Charaudeau (2010a, p. 45), o sujeito destinatário é o interlocutor ideal:

O TUD (sujeito destinatário) é o interlocutor fabricado pelo EUC (sujeito comunicante) como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação. O EUC tem sobre ele um total domínio, já que o coloca em um lugar onde supõe que sua intenção de fala será totalmente transparente para TUD.

Portanto, há uma semelhança entre os vários conceitos, como se vê no quadro abaixo:

Quadro 1 - Nomenclatura sobre autoria e leitura

	<u>UMBERTO ECO</u>	<u>REIS E LOPES</u>	<u>CHARAUDEAU</u>
<u>Autoria</u>	<u>Autor empírico</u>	<u>Autor</u>	<u>EUC</u> (Sujeito comunicante)
	<u>Autor modelo</u>	<u>Autor</u>	<u>EUE</u> (Sujeito enunciador)
<u>Leitura</u>	<u>Leitor empírico</u>	<u>Leitor</u>	<u>TUI</u> (Sujeito interpretante)
	<u>Leitor modelo</u>	<u>Narratário</u>	<u>TUD</u> (Sujeito destinatário)

Fonte: As autoras.

O *Lobisomem* é uma narrativa em terceira pessoa, cujo narrador é heterodiegético, “que justamente se caracteriza pelo fato de narrar uma história que conhece pela sua experiência de testemunha direta dessa história” (LOPES; REIS, 1988, p. 121). Ele simplesmente conhece a estória e vai contá-la a alguém: seu leitor-modelo ou destinatário. Este tipo de narrador se distancia com relação às personagens, permanecendo anônimo: “Era um lobisomem que não sabia, ainda, da existência de gente. Achava que os homens eram uma invenção de sua avó, que gostava de contar histórias para assustar os lobisomens pequeninos como ele”

(COELHO, 1988, p. 2). Neste trecho, o narrador inverte a relação do homem com o lobisomem: é este que não sabia que gente existia, pensando que homens eram inventados pela avó que contava estórias. De imediato, portanto, coloca-se a questão da alteridade.

A alteridade está relacionada com a interação e a concepção que o sujeito tem para com o outro, ou seja, a alteridade está presente na interação entre o “eu”, o que cada ser tem no seu particular e no seu interior, e o “outro” - o que enxergamos no outro. Existe um confronto com o estranho, o não familiar que, sem percebemos, realizamos. Isto é, o indivíduo existe somente a partir da oposição e, ou, diferença para com o outro. De acordo com Amaral (2007, p. 7):

O conceito de alteridade foi formulado por Emanuel Lévinas (1906-1995). Para ele, a alteridade baseia-se na constante constatação das diferenças que estabeleço entre eu e o outro e consiste em conferir ao outro uma existência como sujeito, de modo que ele não se constitua num objeto para mim. A partir do momento em que atribuo esse significado ao outro, que lhe confiro alteridade, será possível conviver com o diferente, reconhecendo que ele tem direitos iguais aos meus, através da constatação e do respeito às diferenças individuais, culturais, sociais, resultando em uma convivência harmônica e na cooperação para o bem-estar comum.

Por outro lado, como ressalta a autora, pode ser que a alteridade não seja respeitada: “Assim, alteridade é ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem”. O conceito de alteridade, portanto, apresenta aspectos positivos e negativos: ao mesmo tempo em que colabora para a constituição da minha identidade, a partir da diferença com o outro, pode contribuir para a aniquilação desse outro, exatamente por causa dessa diferença, da sua alteridade em relação a mim.

A obra do Lobisomem nos convida a refletir sobre nossa própria identidade, a partir da nossa construção de alteridade e do nosso olhar para o outro, proporcionando questionamentos sobre o outro e sobre nós. Isso nos revela que as relações sociais estabelecem os conceitos de identidade e diferença, estruturadas no universo cultural, ou seja: a cultura impõe um padrão e, por meio desse modelo, se constrói a identidade e alteridade. Sendo assim, como afirma Silva (2013, p. 19):

"A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tomar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade." Mas, segundo este mesmo autor: "a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes" [...]. (SILVA, 2000, p. 81).

Outra abordagem possível no enredo do livro é a questão da monstrosidade, que o autor inverte. Para o ser humano, para quem sua imagem e integridade são normais, personagens como Lobisomem são seres que apresentam algo que falta ou algo deformado no corpo, distanciando-se das regras de normalidade física que a sociedade espera. O escritor, ao apresentar o ser humano como algo monstruoso, do ponto de vista do lobisomem, possibilita refletir que nós somos os monstros que determinamos o que somos (identidade) e sem nos darmos conta da possibilidade de aceitarmos que somos diferentes (alteridade). Somos condicionados, cultural e socialmente, a nos considerarmos normais, sem suspeitarmos de que podemos ser diferentes para outros.

Neste contexto, a obra de Ronaldo Simões, *O Lobisomem que quase morreu de medo*, apresenta uma estrutura conhecida pelo leitor empírico e capaz de ser aceita pelo leitor-modelo: o pequeno lobisomem encontra criaturas humanas e se assusta com isso, pois o que era ficção passa a ser realidade. Essa estrutura narrativa simples e reconhecível é utilizada, pelo autor, para discutir algo nem tão simples ou reconhecível: as relações entre identidade (o mesmo) e alteridade (o outro). Por isso, não há como aprofundar psicologicamente as personagens: a protagonista (lobicriança) é personagem plana, isto é, um estereótipo. Da mesma forma, espaço e tempo não têm importância na narrativa. Uma vez capturado ficcionalmente pelo "era uma vez", o tempo indetermina-se. Usa-se o recurso do "salto" para condensar o tempo, em que os fatos narrados constituem-se no passado e o tempo também não é utilizado, de forma complexa, pelo narrador. É o que se observa na mudança temporal do passado para o presente, ao finalizar o enredo: "Mas hoje, quando este caso é contado [...]" (COELHO, 1988, p. 9).

Considerando-se o leitor modelo do texto, ou o seu sujeito interpretante, na conceituação de Charaudeau, pode-se dizer que o texto atingiu seu objetivo: discutir,

ficcionalmente, a relação entre identidade e alteridade, e mostrar que são posições reversíveis. Dessa maneira, permite-se que a criança reflita sobre sua identidade e a construa de forma a reconhecer o outro como condição para que essa identidade seja possível. Pode-se dizer que, assim, a literatura infantil irá ajudar nesse processo, segundo Mariosa e Reis (2011, p. 48):

A literatura infantil pode influenciar de forma definitiva no processo de construção de identidades das crianças. A literatura serve, muitas vezes, como fonte de significados existenciais que poderão ser aplicados ao mundo real. Então, conforme Abramovich (1989), para que o indivíduo possa formar a sua própria identidade, ele precisa recriar a realidade e imaginá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade pode ser tomada como uma realidade positiva, que possibilita o intercâmbio entre as culturas, de forma a potencializar a riqueza que existe em cada uma delas. Por outro lado, as diferenças culturais, entre nações ou entre grupos que convivem em um mesmo espaço geográfico, podem ser a raiz de numerosos conflitos.

Discutiu-se, neste estudo, a relação entre literatura infantil e o discurso da diversidade, com a abordagem de questões culturais e socioculturais de uma sociedade, relacionadas a questões de identidade, alteridade e diferença, e como o autor mineiro trabalha estes temas.

Desta maneira, a obra *O Lobisomem que quase morreu de medo*, tem um papel fundamental no leitor infantil, em proporcionar motivação, construção de identidade, valores simbólicos e coletivos, pois a obra conserva a originalidade, reelabora e ressignifica os novos elementos da contemporaneidade, proporcionando elementos que contribuem para a discussão da diversidade cultural na sociedade, possibilitando às crianças uma reflexão de que existem grupos que são diferentes entre si, mas os direitos entre si são correlatos.

O estudo buscou, ainda, relatar as estratégias adotadas pelo escritor para veicular um discurso literário a favor da valorização da diversidade e da diferença. Constatou-se que, na obra escolhida, existem diferentes identidades, a partir da vivência e experiências com o outro, e que esta obra promove uma reflexão sobre a diversidade humana.

O autor mesmo que declare que não houve uma intenção de abordar a diversidade, alteridade, identidade e diferença, e que isso não foi inserido nas obras com a finalidade de proporcionar ao público infantil uma reflexão de como lidar com essas questões e como respeitar as diferenças humanas, o fato é que tais temas estão lá. Isso demonstra o que a Análise do Discurso e outras teorias, antes dela, afirmam: o autor, apesar de sua intencionalidade, não tem domínio total sobre seu texto, nem o texto contém a totalidade de sua significação. Esta será dada pelo leitor, que irá jogar, sobre o texto, toda a sua experiência e capacidade de leitura.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Vera Lúcia do. **A formação da identidade**: alteridade e estigma. Natal: EDUFRN, 2007.

BARROS, José Márcio (Org.). **Diversidade cultural**: da proteção à promoção. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Tradução de Ângela M. S. Correa e Ida Lúcia Machado. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010a.

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. **Análises do Discurso Hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010b, p. 57-78. v. 3. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/IMG/pdf/2010_d_Disc-_Propag-_Belo_Vol3__ARTICLE.pdf>. Acesso em: 13 out. 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2000.

COELHO, Ronaldo Simões. **O lobisomem que quase morreu de medo**. Belo Horizonte: RHJ, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000a.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000b.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LOPES, Ana Cristina M.; REIS, Carlos. **Dicionário da teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

MAINGUENAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

MAINGUENAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. Tradução de Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARIOSIA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária**, Londrina, Vagão-volume 8, parte A, p. 42-53, dez. 2011.

MORGADO, Margarida; PIRES, Maria da Natividade. **Educação intercultural e literatura infantil**. Lisboa: Colibri, 2010.

SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria Cultural e Educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2013.

UNESCO. **relatório mundial da unesco**: investir na diversidade cultural e no diálogo in-tercultural. [s. l.], 2009. 36 p. disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/ima-ges/0018/001847/184755por.pdf>>. acesso em: 13 mar. 2016.